



Só com inovação é possível avançar

Em entrevista exclusiva à Tópicos, o ministro do Desenvolvimento Econômico, Indústria e Comércio Exterior, Miguel Jorge, fala sobre a “redescoberta” do Brasil pelo capital europeu e explica porque o governo e as companhias instaladas no país investem cada vez mais em inovação tecnológica.

PERGUNTAS: GERALDO HOFFMANN

Tópicos: Em que áreas o Brasil oferece no momento as melhores chances para investimentos estrangeiros, particularmente aos investidores alemães?

Miguel Jorge: Há boas oportunidades de investimento em áreas tradicionais, como petróleo, gás, petroquímica, mineração, siderurgia e metalurgia, papel e celulose e indústria automotiva. Além disso, são excelentes as perspectivas para novos nichos, como produção de etanol e de biodiesel, além da biotecnologia.

Dentro deste universo, há mais de 12 meses, alguns setores importantes estão com o nível médio de utilização da capacidade nominal instalada acima de 90%, como o metalúrgico e a indústria de papel e celulose. De maneira geral, os setores da indústria de transformação têm operado em torno de 85% de sua capacidade, como o de material de transporte, mobiliário, indústria química, plástico e têxtil. Estes percentuais indicam que são setores em momento de decisão de investimento, com boas oportunidades para as empresas alemãs, muitas delas já atuando aqui no Brasil.

Algumas das reclamações que vêm sendo repetidas nos últimos anos pelos empresários alemães são a falta de proteção aos investimentos no Brasil, o excesso de burocracia (por exemplo, para o registro de patentes) e o fim do acordo sobre bitributação. Como e até quando o governo pretende resolver esses problemas?

O ambiente e a proteção para investimentos estrangeiros no Brasil melhoraram muito nos últimos anos, mas

devemos reconhecer que ainda é preciso avançar. O histórico brasileiro é de promoção e de atração de investimentos. Temos vários exemplos de empresas multinacionais com larga presença no Brasil, mesmo nos antigos períodos de inflação alta e turbulências macroeconômicas. O atual governo tem se esforçado para criar condições para atrair mais investimentos e para que as empresas já instaladas no país aumentem seus investimentos. Exemplo claro dessa atmosfera de facilitação dos investimentos no Brasil foi a suspensão de alguns tributos, como a CPMF nas operações financeiras com investidores estrangeiros.

Em matéria de desburocratização, particularmente na esfera do Ministério do Desenvolvimento Econômico, Indústria e Comércio Exterior, temos feito um trabalho de simplificação e de modernização de procedimentos em várias frentes. Esse mesmo esforço vem sendo levado adiante no Instituto Nacional da Propriedade Industrial (INPI), na redução dos prazos para registro de marcas e de patentes, para acelerar os processos de reconhecimento, que chegavam a até 5 anos. Com a modernização dos processos, esse prazo será reduzido para 12 meses, até o próximo ano.

O tema relativo a acordos de bitributação é muito discutido pelo governo. O que temos sempre em mente é preservar condições favoráveis aos investidores. Esses acordos precisam passar pela Câmara dos Deputados, o que, às vezes, gera lentidão nas decisões, por várias razões, desde o próprio processo e aprovação pelo Legislativo, como por restrições legais e até constitucionais. Nesse



Ministro Miguel Jorge

caso específico, a revogação do acordo não inviabilizará investimentos alemães no Brasil, por não causar impactos negativos substanciais sobre os negócios.

Segundo informações do Departamento Europeu de Estatísticas, no ano passado, empresas da União Européia investiram bem mais no Brasil do que na Rússia, na China e na Índia, por exemplo. A que o sr. atribui essa “redescoberta” do Brasil pelos investidores europeus?

Parece não haver dúvida de que esta “redescoberta”, como vocês chamam essa volta dos investimentos, é uma resposta direta à grande melhora do ambiente econômico brasileiro. Os resultados macroeconômicos dos anos recentes deixam claro que o Brasil ingressou num novo patamar para sua economia: o de um crescimento duradouro e sustentado, baseado em fundamentos sólidos macroeconômicos – inflação baixa e sob controle, política fiscal equilibrada, elevada resistência às crises externas e câmbio flutuante.

Em um cenário como esse, as empresas que desejam investir no Brasil, inclusive as européias, têm hoje,

muito mais segurança para planejar seus investimentos em horizontes de médio e longo prazos. A consolidação deste cenário realçou outros atrativos que já estavam presentes em nossa economia, como seu grande tamanho e complexidade, amplo e crescente mercado interno e a aceleração de sua internacionalização. Diante disso, os europeus que chegaram ao Brasil há muitos anos, com grandes investimentos, principalmente desde o início do século passado, estão hoje ampliando sua participação na economia brasileira.

Uma percepção que cada vez mais se consolida entre analistas alemães é que, no Brasil, o crescimento econômico está se desacoplando do desenvolvimento político – que o crescimento econômico avança com maior rapidez do que o desenvolvimento político – veja-se a reforma partidária emperrada. O senhor partilha essa avaliação e que riscos isso representa à estabilidade do país e consequentemente ao capital estrangeiro no Brasil?

A História mostra que, em muitos países, é relativamente comum que o crescimento econômico se processe mais rapidamente do que o desenvolvimento político. Creio que isto também aconteceu e está acontecendo no Brasil. Mas não vejo este fenômeno como negativo, mas sim como muito positivo. O desenvolvimento econômico tem induzido o Brasil a modernizar o funcionamento de suas instituições políticas, e será inevitável que esse processo econômico influencie o processo político, a médio prazo. Considero esta dinâmica profundamente saudável e não creio que gerará riscos. Pelo contrário. Ajudará a ampliar as bases de nossa estabilidade econômica e a consolidar ainda mais nossa grande e jovem democracia.

"Inovação e cooperação tecnológica: fortalecimento da competitividade internacional" é o lema do Encontro Econômico Brasil-Alemanha, de 18 a 20 de novembro, em Blumenau. O que o Brasil está fazendo para deixar de ser um exportador principalmente de matérias-primas e produtos agrícolas para se tornar uma nação com alto

grau de desenvolvimento tecnológico próprio (para aumentar, por exemplo, o número de patentes nacionais)? E qual é a contribuição que a cooperação Brasil-Alemanha pode prestar a esse processo?

As companhias instaladas no Brasil têm investido cada vez mais em inovação porque só assim é possível avançar. O governo brasileiro e empresas privadas estão engajados em melhorar os instrumentos de apoio à geração de ciência, tecnologia e inovação. Calculamos em 34% a taxa de inovação na indústria manufatureira aqui instalada, um sinal bastante encorajador, e que mostra o retorno dos investimentos em pesquisa e desenvolvimento. Temos uma moderna Lei de Inovação, uma política nacional de biotecnologia e fundos setoriais que abrem boas perspectivas de crescimento.

A segunda fase da política industrial, a ser anunciada brevemente deve aprofundar ainda mais esse processo. Por exemplo, em 2005 foram investidos cerca de US\$ 3 bilhões apenas por empresas industriais em atividades de pesquisa e desenvolvimento. Cerca de 1.500 indústrias têm seus próprios departamentos de pesquisa. Atualmente, há mais de 25 mil pessoas envolvidas com pesquisa aplicada ao setor produtivo. Enfim, estes dados indicam a onda da inovação pela qual passa o setor produtivo brasileiro.

Temos muito a aprender com as empresas alemãs, porque ocupam lugares de ponta na geração de conhecimento aplicado a atividades produtivas de alto padrão tecnológico. Não por outra razão, as empresas alemãs ainda superam americanas e chinesas em exportações. Sem dúvida, a tecnologia ajuda a explicar esse dinamismo.

Dentro deste contexto, classifico como muito importante o Encontro Econômico Brasil-Alemanha, em Blumenau, em novembro. Será uma excelente oportunidade dos empresários dos dois países trocarem experiências e abrirem caminho para novos negócios. ■

Deutsch-Brasilianische Wirtschaftstage 2007

Innovation und Technologie-Kooperation stehen im Mittelpunkt der diesjährigen Unternehmertagung vom 18. bis 20. November Blumenau/Santa Catarina. Auch das brasilianische Programm für nachhaltiges Wachstum wird vorgestellt.

Brasilien steht aufgrund seiner positiven ökonomischen Indikatoren im Fokus deutscher Unternehmensinteressen. Aktuelle Analysen zufolge wird das BIP in diesem Jahr um bis zu 4,8% zulegen können. Mit 34,4 Milliarden Dollar dürften auch die ausländischen Direktinvestitionen 2007 einen neuen Rekordwert erreichen.

Die diesjährigen Deutsch-Brasilianischen Wirtschaftstage finden unter der Leitung von BDI-Präsident Jürgen R. Thumann und seinem brasilianischen Counterpart, CNI-Präsident Armando Monteiro Neto, vom 18. bis 20. November 2007 im brasilianischen Blumenau statt.

Im Mittelpunkt der diesjährigen Unternehmertagung stehen die Themen Innovation und Technologie-Kooperation. In zahlreichen Workshops und Panels haben die Teilnehmer aus Deutschland und Brasilien die Möglichkeit, sich zu verschiedenen Bereichen wie z. B. Logistik und Infrastruktur, Energieeffizienz, Biotreibstoffe sowie Corporate Social Responsibility, Healthcare und Wellness oder Informationstechnologie zu informieren und auszutauschen.

Von Seiten der deutschen Politik haben Bundeswirtschaftsminister Michael Glos, Staatssekretär Dr. Bernd Pfaffenbach, BMWi, sowie Staatssekretär Prof. Dr. Frieder Meyer-Krahmer im BMBF ihre Teilnahme an den Deutsch-Brasilianischen Wirtschaftstagen bereits zugesagt. Aus Brasilien werden Wirtschaftsminister Miguel Jorge, die Leiterin des Präsidialamtes, Frau Dilma Rousseff, sowie weitere hochrangige Regierungsvertreter erwartet.

Im Anschluss an die Wirtschaftstage findet am 20. und 21. November in Rio de Janeiro die Erste Deutsch-Brasilianische Logistik-konferenz statt. Interessenten wenden sich bitte an die AHK Sao Paulo E-Mail: ahkrj@DEinternational.com.br (Quelle: BDI)